



O sensível no festejo de Santa Teresa D'ávila em Tefé, Amazonas

The sensible in the celebration of Santa Teresa D'ávila in Tefé/Amazonas

Andreane do Nascimento Silva

Mestrado em Ciências Humanas (2021 – 2023) pela Universidade Estadual do Amazonas,
<https://orcid.org/0000-0003-1327-7562>, ans.mic21@uea.edu.br

Yomarley Lopes Holanda

Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia (2015 – 2019) pela Universidade Federal do
Amazonas,; <https://orcid.org/0009-0008-0977-9141>, yholanda@uea.edu.br

Recebido em: Aceito em: 19/08/2023 / Aprovado em: 28/10/2023
DOI: 10.12660/rm.v15n24.2023.89960

Resumo

O presente estudo de caráter interdisciplinar investigou as configurações da religiosidade popular amazônica presentes na festa de Santa Teresa D'ávila, padroeira da cidade de Tefé, Amazonas, considerando questões poéticas, sagradas e profanas. Objetivou-se tecer uma sociologia do sensível da festa da padroeira do povo tefeense, atentando-se aos seus processos de organização e realização do festejo que duram dez dias, tendo como foco os festejos noturnos, horário que acontecem as novenas e festas, envolvendo diversos grupos sociais; discutindo a historicidade e os hibridismos culturais que floresceram no contexto do Festejo da padroeira de Tefé-AM, tendo como embasamento o culto aos santos no Brasil.

Palavras-chave: Memórias; Religiosidade; Sagrado; Profano.

Abstract

The present interdisciplinary study investigated the configurations of Amazonian popular religiosity present in the feast of Santa Teresa D'ávila, patron saint of the city of Tefé/Amazonas/Brazil, considering poetic, sacred and profane issues. The objective was to weave a sociology of the sensible feast of the patron saint of the Tefeian people, paying attention to its processes of organization and realization of the festivities that last nine days, having the apex of the research during the nights, the time that takes place novenas and feasts, involving various social groups; discussing the historicity and cultural hybridisms that flourished in the context of the Feast of the patron saint of Tefé-AM, based on the cult of saints in Brazil.

Keywords: Memories; Religiousness; Sacred; Profane.

Introdução

Desde minha¹ infância fui inserida no contexto da religiosidade católica do arraial de Santa Teresa, por meio do qual aprendi e me acostumei com os contos das promessas, curas e milagres. Cresci no seio de uma família católica, que transmitiu a mim, a devoção ao festejo do dia 15 de outubro, bem como seu encanto e beleza, aguardado com bastante ansiedade. Tenho na memória o brilho e o som dos fogos de artifícios, a agitação da alvorada, o calor das velas, os louvores e hinos que ecoavam no interior da catedral e, às vezes, do alto falante localizado na torre da igreja no centro da cidade, sem deixar a viva lembrança do encanto dos parques de diversão e dos sonhos do imaginário de criança.

Este cenário despertou um interesse particular em buscar conhecimentos e informações relacionadas a tais práticas religiosas em Tefé, inspirando a presente pesquisa que teve como objetivo geral investigar as configurações da religiosidade popular amazônica presente no festejo de Santa Teresa D'ávila em Tefé (AM) considerando questões poéticas, sagradas e profanas. Os objetivos específicos se fundamentaram em tecer uma sociologia sobre o festejo de Santa Teresa; discutindo a historicidade, bem como os hibridismos culturais que floresceram no contexto do evento; verificando os aspectos poéticos, lúdicos, sagrados e profanos constituídos pelos sujeitos que participaram e participam do festejo da padroeira tefeense. No âmbito metodológico tomou-se notas no caderno de campo, registros fotográficos, consultas em acervos da Prelazia (seminário e casa paroquial) e da Rádio Rural de Tefé, entre os anos de 2021 e 2022 (período da pesquisa), principalmente no momento festivo do arraial de Santa Teresa realizado no mês de outubro, nos dias 06 a 15. Lembrando que no período mencionado estávamos num cenário marcado por um período de pandemia da COVID-19, o que trouxe uma série de obstáculos para a pesquisa de campo.

A pesquisa partiu do seguinte problema central: a ciência moderna baseada no pensamento, pouco se interessa pelos fenômenos ou processos sociais e culturais, principalmente aqueles que estão relacionados à religiosidade popular no interior da

¹ O artigo oscila o uso de primeira pessoa, entre o singular e o plural. A referência ao “eu” no artigo remete as vivências pessoais da primeira autora. O uso do pronome “nós” e seus correlatos remetem ao processo analítico-teórico, tecido a quatro mãos, assim como ao diálogo com outros textos e autores mencionados ao longa da exposição.

Amazônia, região historicamente considerada periférica. Ora, sabemos que a vasta região amazônica não apresenta apenas sua riqueza em decorrência da sua fauna e flora, mas também é imensamente rica em tradições, costumes e em formas de celebrar o cotidiano em sua relação cultural e religiosa.

A partir desse problema surgiram alguns questionamentos que se inter cruzaram durante a construção do objeto. Como as configurações da religiosidade popular presentes no Festejo de Santa Teresa D'ávila em Tefé/AM, se manifestam atualmente? Como o sagrado, a poética e o dionisíaco se entrelaçam neste contexto cultural? Como desvelar os processos de historicidade e os hibridismos culturais que florescem no contexto do evento? De que maneira emergem os aspectos lúdicos, sagrados e dionisíacos constituídos pelos sujeitos que participam do festejo da padroeira tefeense?

Diante desses questionamentos construíram-se hipóteses que norteiam o processo de tessitura do artigo. A hipótese inicial parte do entendimento de que religiosidade cultural local se constitui a partir de manifestações populares conectadas a algo global e que é necessário compreender, separar e diferenciar a religião oficial, a magia festiva e as práticas dionisíacas no contexto de uma cidade do interior do Amazonas. Michel Maffesoli (2001, p.74-75) ampara este entendimento ao afirmar que “em geral opõe-se o imaginário ao real, ao verdadeiro”. Isso remete a simples compreensão de que o ser humano sendo fruto do meio em que vive, constrói e modifica a sua manifestação cultural através da significação e as atribuições do contexto e das relações que constitui o festejar, partindo daí, busca-se a ideia de relacionar o real e o imaginário que se inter cruzam nesses processos da cultura interiorizada pelo processo das memórias culturais.

A partir disso, outra hipótese se delineia sobre as questões do sagrado e do dionisíaco em consonância à constituição religiosa do festejo de Santa Teresa D'ávila, no município de Tefé, não só no âmbito da sociologia e da antropologia, mas dentro de uma perspectiva interdisciplinar, tendo em vista sua pluralidade de relações históricas e sociais que se conectam com os estudos da cultura amazônica que versam sobre a temática das manifestações socioculturais, geralmente colocadas em segundo plano pela ciência cartesiana. Isto ocorre porque muitos de seus aspectos não podem ser matematizados ou quantificados, pois estamos entrando no campo das subjetividades.

Para além do sagrado

Desde o alvorecer de sua história cultural, a Amazônia se mostra como um grande desafio para os pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento. Natureza e cultura em diálogo, complexo matizado de contradições, historicidades e imaginários, a grande Hiléia permanece ainda hoje como uma espécie de enigma do mundo, cobiçada principalmente por causa de seus recursos naturais. Na busca por essas riquezas naturais, muitos acabam esquecendo que para os povos oriundos dos rios e das florestas amazônicas isso é descrito a partir de uma outra significação, na qual os rios têm vida e a natureza possui espírito que precisam ser preservados, respeitados.

Não à toa que a Amazônia profunda é um espaço que ao longo do tempo tem sido objeto das mais variadas interpretações, a maioria delas estereotipadas e plasmadas em um evolucionismo eurocêntrico preconceituoso que tratou de segregar natureza e cultura, além de preterir e inferiorizar as culturas dos povos amazônicos. Em consequência desta segregação cultural, é importante discutir os processos culturais no interior da Amazônia que enovelam misticismo, fé, ludicidade e religiosidade popular.

Nota-se que são poucos os estudiosos dos processos socioculturais na Amazônia que conseguem captar um olhar para além do sagrado, como foi verificado nas obras dos autores Braga em sua obra “Cultura popular, patrimônio imaterial e cidades” quando o autor relata que: “separar religião e magia ou festa católica e festa popular, ou dito de uma forma mais simples, ordem e desordem, sagrado e profano” (p. 25, 2007) e da autora Amaral na obra “Festa à Brasileira” quando comprova que: “esta festa mostra as mediações simbólicas entre sagrado e profano e, ainda que, ela é capaz de proporcionar o aprendizado da burocracia e instâncias políticas” (p. 14, 1998).

Atentando aos enunciados dos autores é evidente que o povo amazônico carrega em sua bagagem cultural, experiências e vivências entre os rios, afluentes e igarapés, tecendo um arcaçouço sócio-histórico em diálogo com a ancestralidade e a natureza circundante. É acompanhando esse movimento dos rios simbólicos que somos levados a explorar bem mais a fundo tais fenômenos, neste caso por meio de uma abordagem qualitativa a qual leva a apurar e aguçar sentidos para a singularidade

das complexas teias culturais da Amazônia, especialmente na cidade de Tefé, interior, periferia, rica culturalmente.

Sobre esta questão de uma mudança de rota epistemológica, instiga a pensar que o universo amazônico é formado de “seres, signos, fatos, atitudes que podem indicar múltiplas possibilidades de análise e interpretação, considerando os diversos atores como pescadores, indígenas, seringueiros e caboclos”. (SAID 1993, p. 17).

A Amazônia nesta perspectiva emerge como uma espécie de “ponto de fuga” para o exotismo na ficção. Em outra perspectiva, o mesmo autor afirma que o discurso a respeito desse espaço, somado ao seu processo de invenção, pode ser considerado como um recurso de dominação semelhante ao que ocorreu entre Ocidente e Oriente, em uma relação de poder e dominação de graus variados. Inspirados nesta passagem, pensamos que estudar a Amazônia em seus processos socioculturais é abrir uma fenda no esquematismo predominante na ciência positiva, é enveredar por outros caminhos compreensivos que não abandonam a subjetividade, as sensibilidades das pessoas com suas histórias e trajetórias.

Em tecituras horizontais é intencional construir pontes de diálogos entre pensadores da filosofia, da história, da antropologia e dos estudos amazônicos com a finalidade de investigar as configurações da religiosidade popular no município de Tefé, bem como compreender a constituição da sua mais ampla organização, tendo como elementos basilares a historicidade do contexto religioso, analisando os aspectos poéticos, híbridos e sagrados, sem deixar de mencionar os elementos orgiásticos que em suma formam as dimensões deste tipo de manifestação cultural.

Segundo Holanda (2017, p. 10) pode-se perceber que “já faz tempo que a Amazônia vem sendo o centro dos discursos representacionais contemporâneos”. Diante desse cenário é importante que novas incursões científicas sejam realizadas em busca da compreensão da Amazônia sob novos olhares, ou seja, é propósito deste estudo desvelar uma dessas manifestações amazônicas de grande teor simbólico e de raízes históricas que é realizada anualmente na cidade de Tefé, interior do Amazonas. Oliveira explica este processo da seguinte maneira:

Desejo, assim, chamar a atenção para três maneiras - melhor diria, três etapas - de apreensão dos fenômenos sociais, tematizando-as (o que significa dizer: questionando-as) como algo merecedor de nossa

reflexão no exercício da pesquisa e da produção de conhecimento. Tentarei mostrar como o 'Olhar, o Ouvir e o Escrever' podem ser questionados em si mesmos, embora num primeiro momento possam nos parecer tão familiares e, por isso, tão triviais, a ponto de nos sentirmos dispensados de problematizá-los; todavia, num segundo momento - marcado por nossa inserção nas ciências sociais -, essas faculdades ou, melhor dizendo, esses 'atos cognitivos' delas decorrentes, assumem um sentido todo particular, de natureza epistêmica, uma vez que é com tais atos que objetivamos construir o nosso conhecimento a respeito de nosso objeto neste trabalho de pesquisa. (OLIVEIRA, 1996, p. 13-37).

A tese de doutorado de Marinho (2021), em *Sociedade e Cultura na Amazônia*, com a temática sobre os seringueiros da região de Tefé desvela interessantes faces da cultura tefeense, principalmente de sua cultura popular que, segundo o pesquisador, se origina na cultura indígena, embora reconheça a influência europeia trazida pela Igreja Católica através de seus missionários. Os povos nativos faziam suas comemorações com eventos dançantes na ocasião de um fato importante para a aldeia como, por exemplo, o falecimento do tuxaua ou o nascimento de uma criança do sexo masculino. Para cada uma dessas comemorações havia uma celebração ritualística dirigida pelo pajé.

O pesquisador reconhece que muito dessa efervescência cultural ainda não foi totalmente perdida diante do chamado processo civilizador, embora aqui verificamos através de pesquisas bibliográficas e artigos que a efervescência cultural aqui mencionada subsiste incorporada à intervenção cultural externa com uma nova roupagem, mas consegue se manter viva e expressiva nos dias contemporâneos, há muito tempo este cenário continua atraindo estudiosos, pesquisadores, viajantes e andarilhos. Pode-se dizer que Tefé possui uma relevância histórica e cultural antiga. Já em 1538 era destaque ao receber Diogo Nunes de Quesada na função de inspetor de educação vindo diretamente de Portugal visitar uma escola de vinte e uma almas, todas masculinas que lá funcionava. José Lino Marinho cita personagens conhecidos que moraram ou passaram por Tefé.

a saber: Dessalines, Agassiz, Martius, Spix, Bates, conde Hermano Stradelli, Gonçalves Dias, Conde d'Eu, Mario de Andrade, Tastevin, Parissier, dentre outros, ao ponto de em alguns escritos Tefé aparecer como *A Corte do Solimões*, tendo em vista a quantidade de pesquisadores, políticos e escritores que registraram suas experiências na região. (MARINHO, 2021, p.25).

Os escritos de Queiroz indicam que:

Não é possível falar da história de Tefé, sem falar na história da Igreja Católica na região, uma vez que os integrantes das diferentes ordens religiosas eram funcionários das coroas portuguesa ou espanhola e a fundação das missões visando a catequização dos indígenas, ocupação e posse das terras seguia a orientação de um desses dois países. Foi neste contexto que a expedição de Samuel Fritz, descendo de Quito em 1686 pelo rio Marañon e chegando ao rio Amazonas fundou as missões de São Paulo dos Cambé, Nossa Senhora de Guadalupe dos Jurimágua, São Matias, São Joaquim e Santa Teresa dos Axuaris na foz do rio Tefé. (QUEIROZ 2018, p. 34)

Marinho (2021, p. 26) informa que a cidade de Tefé concentra as redes municipal, estadual e federal de ensino nos níveis fundamental, médio e superior, comportando também outras instituições estaduais e federais ligadas ao fisco, meio ambiente, comunicações, economia, transportes fluvial e aéreo. Possui grandes reservas de petróleo e gás natural. Sua extensão territorial é de 23704 km², o clima é equatorial, sua altitude é 47 metros acima do nível do mar, população acima de 60 mil habitantes e uma economia que tem como base o comércio e a agricultura.

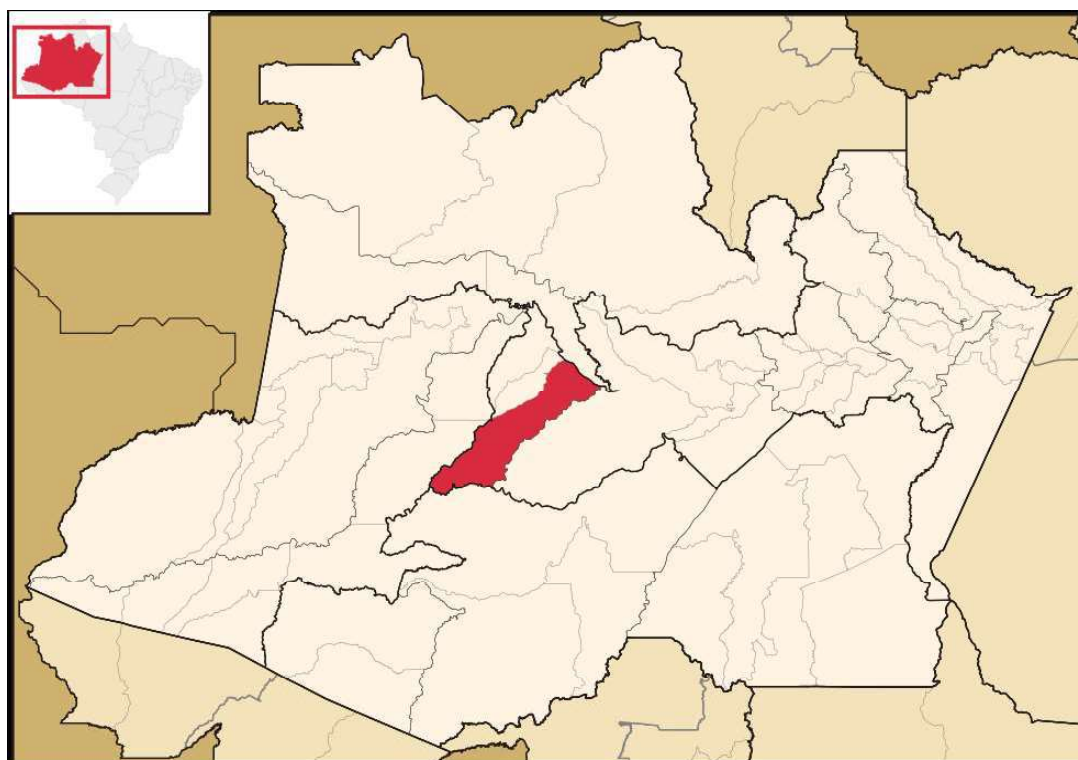


Figura 1 – Localização da cidade de Tefé.

Fonte: IBGE, setembro/ 2022.

Do ponto de vista geográfico e tratando da dinâmica das urbanidades amazônicas, Queiroz (2022, p. 17) ressalta que toda “cidade situada às margens do

rio Solimões no Amazonas depende da circulação fluvial para a circulação de pessoas e mercadorias. Isso ocorre em função da ausência de rodovias bem como a pequena presença de aeroporto estruturado”. Lira (2020, p. 23) escreve que: “Tefé está localizada na margem direita do rio Solimões, tendo sua nomenclatura relacionada com o Nheengatu (Língua Geral), falada desde o período Colonial até os dias atuais em algumas áreas da Amazônia”. Sobre a etimologia do termo Tefé, o mesmo autor (2020, p. 23) diz que significa “rio profundo”, termo pelo qual alguns povos indígenas que habitavam a região também ficaram conhecidas: Tupebas, Tapibas etc. Em sua historicidade e com o avanço lusitano na região o lugar vai ter outros nomes, o mais conhecido deles Vila de Ega, a partir do processo de lusitanização da Amazônia no período pombalino.

A despeito de sua localização estratégica, é muito comum que seus habitantes usem o rio como “estrada” para viajar, levar ou trazer encomendas, o que faz entender que é através da circulação fluvial que se constrói e se propaga a cultura nas festas das cidades ribeirinhas. Uma vez que a hidrografia Amazônica é por si só o seu complexo viário, sendo o nosso rio, a nossa estrada que ligam e interligam pessoas, sonhos, culturas e entrelaçam a beleza das nossas festas culturais e religiosas de maneira poética.

Um lugar enigmático escolhido por nossos ancestrais à margem de um grande rio de águas pretas, com centenas de praias de areia branca, fina e esvoaçante. Habitado por uma imensa variedade de animais terrestres, árvores frutíferas e de lei, pássaros de cores e matizes variados em multicolor, quelônios em abundância, peixes em variedade intermináveis, água em profusão e que simbolizam vida, fonte de energia, elo de ligação, via de transporte e artéria de comunicação com o restante do Brasil e do mundo. Lugar escolhido com inteligência, conhecimento profundo, plural e estratégico por nossos ancestrais para ser a morada definitiva de um povo sábio, que cuidou de modo equilibrado e responsável deste espaço, a Casa Comum. E que mesmo diante do ataque e achaque dos povos europeus invasores, portugueses e espanhóis em séculos de escravidão, conseguiram preservar um legado cultural através de seus mitos, ritos, crenças, hábitos e costumes numa dialogicidade como se fosse um *link* de transmissão e ligação, fazendo-o chegar à nossa contemporaneidade viva e lúdica, em lendas, causos, contos, materializada em um folclore rico em quantidade, qualidade e variedade representativa de uma cultura material e imaterial das mais belas no Estado do Amazonas. (MARINHO, 2021, p. 22).

Ainda hoje os elementos relatados pelo pesquisador sobre a cidade de Tefé se fazem bem presentes na cultura local da cidade, pelas manifestações religiosas do

catolicismo popular e pelo folclore local que assimila e traduz esteticamente em forma de cor, danças, performances, cantos, memórias e tradições dos povos ancestrais que ajudaram a formar a identidade cultural tefeense.



Figura 2 – Praia da Ponta Branca em Tefé/AM.

Fonte: Foto pessoal do arquivo dos autores, outubro/ 2022.

Tardezinha de um domingo no mês de setembro, praia da Ponta Branca, local de encontro, festas e sociabilidade dos tefeenses, é também lugar de balneário público localizado na frente da cidade, do lado direito do porto municipal (cais), dividindo o centro da cidade e o bairro do Abial. A praia da Ponta Branca como é conhecida por todos os tefeenses e habitantes das cidades vizinhas é frequentada geralmente por jovens, mas também idosos e crianças aproveitam a paisagem para passear ou tomar banho durante o verão amazônico que marca o período de seca (vazante dos rios), nos meses que variam de julho até o final do ano. Trata-se de um ponto turístico da cidade, um certo cartão de visitas para os que chegam através do transporte fluvial (embarcações), serve ainda como meio cultural e socioeconômico devido as apresentações, comercialização de produtos e eventos realizados neste espaço.



Figura 3 – Apresentação de dança folclórica na praça da Matriz de Santa Teresa.
Fonte: Foto pessoal do arquivo dos autores, outubro/2022.

Lira (2020, p. 23) sublinha que no processo de estruturação histórica de Tefé “há grande influência dos povos originários e influências africanas e europeias”. O cenário histórico e cultural que é a festa de Santa Teresa D'ávila evidencia uma forte presença não só da religião oficial, tendo em vista que Tefé é espaço estratégico desde os primórdios do processo de colonização da Amazônia, mas principalmente da religiosidade popular com suas nuances culturais entrelaçadas com elementos indígenas, com a tradição oral dos povos tradicionais, sobretudo quanto à realização do denominado festejo-arraial que dura dez noites, onde são desenvolvidas atividades como comércios, ambulantes (marreteiros), bingos, festas, leilões, procissão e com seus pagadores de promessas. Momentos de encontros entre pessoas da zona urbana, rural e visitantes de outras cidades que chega aproximadamente entre oito a dez mil pessoas por ano que passam pelo evento religioso da festa de Santa Teresa, num intenso processo de sociabilidade, no qual floresce uma espécie de poética da fé amazônica, cheia de ambivalências e complexidade. Contudo são esses espaços que envolvem e se deixam envolver ao contexto cultural religioso e peculiar da cidade de Tefé no mês de outubro.

Nas leituras iniciais detectou-se que a religiosidade popular na Amazônia ainda é pouco discutida se levarmos em consideração os estudos acadêmicos sobre Tefé e circunvizinhança, sobretudo, quando tratamos da participação de marreteiros (comerciantes andarilhos), pagadores de promessas de várias regiões, organizadores do evento, fiéis, todos compartilhando o mesmo espaço cultural, tecendo verdadeiras teias simbólicas ao longo dos dias e noites de preparação e realização do Festejo. Galvão (1955, p.12), em seu clássico estudo em uma comunidade amazônica nos faz compreender que as mudanças culturais ao longo da história da Amazônia se fizeram refletir nas ideias e instituições religiosas e imprimiu-lhes um caráter regional.

As festas e celebrações religiosas estão presentes na sociedade humana desde os seus primórdios. Na Grécia e Roma antigas, os deuses eram adorados com festas estabelecidas em um calendário anual. Havia festa do fundador, dos muros, dos limites do território, do campo, do trabalho, das sementeiras, da floração e das vindimas. Toda cidade tinha suas festas para as divindades protetoras (COULANGES, 1975).

A Igreja Católica adotou o princípio das festas pagãs para homenagear e cultuar os seus santos. Elas têm o objetivo de louvar e agradecer as graças concedidas aos homens/mulheres pela divindade protetora escolhida que, no universo católico, correspondem a Jesus, A Virgem Maria, ao Espírito Santo e aos santos de modo geral. De acordo com Ferreira (2000, p. 130), “o culto a Madona tem início no período medieval, como tentativa de cristianizar as festas agropastoris em homenagem à Primavera”. No fim do século XII os filósofos de Chartres elaboraram o conceito de natureza, encarnando-o numa alegoria recordava a Mãe de Deus, resultando numa unicidade da mãe natureza com a Virgem.

Os santos foram aparecendo conforme os seus feitos e com as posições doutrinárias da igreja católica. Esse processo engendrou o surgimento de diversos santos e santas que chegaram ao Brasil e à Amazônia na bagagem e no imaginário dos colonizadores europeus. A religião católica tornou-se historicamente dominante nesta região, e permanece impregnada no imaginário popular tefeense, embora apresentando outras facetas, conexões e diálogos que se revelam nas práticas sociais e no cotidiano da cidade, assim como na relação do povo com a sua padroeira.

As festas de teor religioso, de acordo com Del Priore (1994), têm uma origem comum europeia com base nos cultos, celebrações religiosas aos deuses protetores das plantações do ciclo agrícola de plantio e colheita. As solenidades pagãs foram

incorporadas ao culto cristão, com a expansão e homogeneização do cristianismo como religião predominante. As festas pagãs receberam nova roupagem e controle da igreja, que, “determinou dias que fossem dedicados ao culto divino considerando os dias de festa, os quais formavam em seu conjunto o ano eclesiástico” (DEL PRIORE, 1994, p.13). Assim, a festa “do nosso passado colonial talvez nos ajude a entender porque e o que ainda hoje tanto festejamos”, afirma Del Priore (1994, p. 15).



Figura 4 – Seminário São José marco da presença católica em Tefé/AM.
Fonte: Foto pessoal do arquivo dos autores, março/2022.

Sobre a questão das festas católicas, Braga (2007, p. 66) reconhece “que as festas tradicionais do catolicismo português adquiriram uma outra configuração na nova terra, que coincide com a formação dos primeiros núcleos coloniais até os dias de hoje”. Assim, o que nota-se nas manifestações culturais religiosas da atualidade é que talvez resultem de complexas relações histórias e culturais, tendo em vista a dinâmica de hibridações desde os primeiros núcleos coloniais até as adaptações modernas, transformando-as em novas configurações culturais.

Rita Amaral (1998, p. 37), pesquisando os sentidos do festejar no Brasil, postula que a festa “manifesta sacralidade das normas da vida social corrente por sua violação ritual; é alteração da ordem, inversão dos interditos e das barreiras sociais, fusão numa imensa fraternidade, por oposição à vida social comum, que classifica e separa”. A autora remete a uma concepção em que o panorama festivo em sua configuração social e política, está inteiramente relacionada às demais festas que ocorrem nas diversas regiões do Brasil, assim a festa aqui mencionada no município de Tefé apresenta as características que agregam, separam e dividem a sociedade.

No entanto todos conseguem coexistir como que em mesma sintonia ou frequência desprezando muitas vezes nesses períodos de festas religiosos as condições sociais ou econômicas de seus participantes independentemente de suas manifestações de fé ou grau de religiosidade, pois nos interessa o festejo-arraial com suas teias de complexidade.

Esta e outros autores versam sobre a respeito das transformações das práticas culturais influenciadas por elementos negros, indígenas, europeus e caboclos, revelam que as festas são importantes dispositivos que agregam e mobilizam todos esses elementos, daí a importância de seu estudo sob o viés interdisciplinar, as festas religiosas são boas para pensar a cultura e seus complexos significados. O objeto de pesquisa é norteado por tradições mais antigas que se mantêm em convivência com o moderno, com as novas mentalidades e práticas sociais, e assim estas festas religiosas e populares unem as pessoas com seus objetivos, ressignificam determinadas práticas, tecem novas relações, nem sempre voltadas exclusivamente ao sagrado.

Atualmente o Festejo de Santa Teresa D'Ávila é realizado no período de 06 a 15 de outubro, sendo 10 noites de manifestação popular e religiosa, tendo como dia principal desta festa o dia 15 de outubro, data em que milhares de pessoas celebram o dia da Padroeira de Tefé. Nesses instantes de efervescência uma multidão de fiéis, promesseiros e visitantes se reúnem na Catedral de Santa Teresa e arredores para participarem de uma série de atividades que compõem o maior evento do Catolicismo popular da região do Médio Solimões, bem no coração da Amazônia. De acordo com o exposto até aqui a pesquisa justifica-se pela importância de preencher certa lacuna existente nos estudos acadêmicos acerca da religiosidade popular amazônica em especial a tefeense, com destaque para os elementos constitutivos e estéticos desse evento, posto que as manifestações religiosas são atos com suas peculiaridades próprias, resultados também de manifestações locais em decorrência das manifestações religiosas populares que ocorrem em todo o mundo.

O entrelaçar com o tema/objeto de pesquisa

Quando busco na memória as recordações a respeito de manifestação religiosa no município de Tefé que envolve a vida dos tefeenses desde a infância, logo sou remetida a momentos saudosos do Festejo de Santa Teresa D'ávila que ocorre

anualmente no início do mês de outubro. Gaston Bachelard (1996, p. 100) nos recorda sobre os devaneios voltados para a infância onde: “A história de nossa infância não é psicologicamente datada. As datas são respostas a posteriori; vêm dos outros, de outro lugar, de um tempo diverso daquele que se viveu. Pertencem exatamente ao tempo em que se conta”, portanto, minha memória e recordação de criança é as vezes rara e distantes devido o tempo, mas bastante viva e alegre no meu coração ainda nos dias de hoje.

A sincronia dos fogos de artifícios que marcavam o início do arraial à meia noite na alvorada do dia 05 de outubro e do dia 14 de outubro também a meia noite véspera do dia da padroeira, que geralmente ouvidos de casa deitada na cama sobre as badaladas do sino da catedral, os carros volantes que passavam em frente à minha casa anunciando o festejo, avisos na Rádio Rural que sem cessar anunciavam e convidavam a comunidade católica tefeense a participar da festa da padroeira de Tefé.

Recorda-se também dos convites feitos pelo padre ao final das missas e dos panfletos distribuídos pela cidade, pregados em repartições públicas como murais de escolas, nas igrejas e até mesmo nas casas dos devotos, da euforia que nos causava, nos encantos que essa data representava para todos nós, praça enfeitada com bandeirinhas coloridas que traziam sensação de alegria e divertimento, barracas de roupas (da moda e com preços que encantavam), além de brinquedos trazidos pelos marreteiros de outras cidades e estados, parque de diversão do senhor “Monga” cuja diversão se resumia na roda gigante, chapéu mexicano e barca do pirata, músicas tocadas o dia todo no alto falante da igreja, brincadeiras, encontros com amigos de escola e outros lugares.

A respeito dos divertimentos que eram encontrados no parque de diversão e barracas de vendas em geral nas comunidades amazônicas, Galvão (1954) nos diz que os indivíduos que organizam esses “divertimentos” não têm relação alguma com a igreja, seu motivo é o lucro comercial, ficando claro que o intuito desses organizadores é aproveitar o evento unicamente para obter lucros e ganhar dinheiro a partir dos participantes do festejo, uma vez que seus trajetos são marcados pelo calendário de datas comemorativas e festas de santos espalhadas pelas cidades ribeirinhas.

Práticas que ainda são muito importantes para muitas pessoas como as novenas, ladainhas e a missa que às vezes éramos obrigados a participar com a família, e sempre arrumávamos uma desculpa de sair antes do término para brincar

na praça, pois sabíamos que tão logo terminasse a novena, teríamos um convite carinhoso de minha mãe a me chamar e dizer “é hora de ir pra casa, vocês têm aula cedo.”

É muito bom poder lembrar e sentir aquela alegria que nos envolvia através da diversão, não tanto para participar das missas ou novenas, mas para ter um momento de lazer e aproveitar os momentos de descontrações que aconteciam em torno ou das adjacências do arraial. Galvão (1954) afirma que “nas festas elementos sagrados e profanos se misturam”, visto que grande parte do que envolvia os arredores da igreja eram músicas não religiosas, jogos de azar, vendas e consumos de bebidas alcóolicas e festas em casas noturnas próximas.

Bachelard (1996, p.103) nos faz pensar que: “éramos, sonhávamos ser, e agora, sonhando a nossa infância, somos nós mesmos?”. Contudo, o dinamismo mágico das noites de festa do arraial de Santa Teresa que nos encantava na infância estava relacionado às letras do Hino de Santa Teresa.

Glória a Ti, ó sublime Teresa de Tefé padroeira querida. A teu culto
noss'alma anda presa glória a Ti em hosanas de vida. Se és de
Espanha o mais rico tesouro és a glória também de Tefé. E por isso
aqui vimos em coro celebra-te num hino de fé. Glória a Ti esplendor
do Carmelo. Tu de Espanha o mais puro brasão. És um céu todo azul
e todo belo / que Jesus escolheu por mansão! Lá do céu ó Teresa
ouve o canto que Ti vimos aqui entoar. E protege envolvendo em teu
manto / o Brasil e Tefé, nosso lar. (Pe. Manuel de Lima Cáuper, Hino
oficializado 1983).

Esse hino se enraizava na mente e coração, em que era proferido pelos meus lábios nos afazeres de casa, no caminho da escola, da igreja e no momento das novenas entoadas pelo coral da matriz de Santa Teresa.

Isso remete mais uma vez ao pensamento de Galvão (1954, p. 3) sobre a concepção do universo está impregnada de ideias e crenças que derivam do ancestral ameríndio. Essa maneira de ver o mundo não representa o simples produto de amalgamação de duas tradições, a ibérica e a do indígena. Essas duas fontes suprimam o material básico de que envolveu a forma contemporânea da religião do caboclo amazônico, porém o que se pode analisar a partir desse pensamento é que a religiosidade cabocla é muito mais rica e complexa do que uma simples fonte aqui apresentada, pois a religiosidade tem seu enraizamento no mais íntimo da alma indígena, cabocla e do negro, que se mesclam numa cultura entrelaçada e indivisível nas celebrações e rituais religiosos ou culturais.

Partindo de estudos relacionados à cultura amazônica percebe-se o processo de intercruzamento de costumes e tradições dos povos indígenas, negros e brancos, processos híbridos que fluíram para conformar a identidade cultural dos povos amazônicos, identidades fluídas, nada de estagnação, nada de perene, somos seres em constante transformação. Bourdieu (2004) explicita que as religiões seculares, como a cristã, expandiram-se por todos os lugares e adquiriram novas características de acordo com os espaços que foram ocupando ao longo do tempo.

Todas essas experiências marcantes constituíram um desejo e interesse em entender os processos complexos da Festa de Santa Teresa D'ávila, que na realidade nunca foi apenas uma festividade religiosa, desde sempre ela agregou outros elementos à sua condição, eis os motivos de acreditar que sempre esteve entrelaçada a este contexto cultural efervescente.



Figura 5 – Imagem de Santa Teresa D'ávila padroeira de Tefé/AM.
Fonte: Foto pessoal do arquivo dos autores, outubro/2021.

Não se busca apresentar apenas uma percepção religiosa como resultado da pesquisa em curso, nem mesmo expor qualquer viés pessoal ou convicção religiosa sobre o festejo, a intenção é investigar diferentes aspectos e pontos de vista sobre a manifestação cultural mais importante do povo de Tefé. O clássico estudo de

Bronislaw Malinowski (1976 p.35) nos ensina que “é necessário a apresentação desses dados para que os leitores possam avaliar com precisão, num passar de olhos, quão familiarizado está o autor com os fatos que descreve e sob que condições obteve as informações dos nativos”, o autor destaca a necessidade de expor com clareza o contexto e as ideias fundamentais que permeiam o trabalho do pesquisador.

Geertz adverte que não se pesquisa cidade, mas em cidade, com isso é necessário não se envolver na participação observante, pois se o pesquisador se volta ou caminha para a militância, prejudica a visão da escrita estudada, neste caso a comunidade tefeense em decorrência do festejo de Santa Teresa D'ávila. O autor pondera que “numa ciência, onde o observador é da mesma natureza que o objeto, o observador, ele mesmo, é uma parte de sua observação” (GEERTZ, 2003, p.137). A transcrição do autor nos conduz a focalizar no objeto de pesquisa que é o festejo/arraial, a partir do trabalho de campo no qual construiu uma teia de informantes, narrativas, entrevistas, informações, dados, documentos históricos, literários incluindo obras de Santa Teresa, documentos na biblioteca do seminário, até mesmo informações com sacerdotes na casa paroquial, bem como dados que foram cotejados com informações bibliográficas, além do entrelaçamento do arraial com o social e cultura local, destacando-se entre esses entrelaçamentos a festa cabocla, e as festas indígenas que remetem ao período da colonização portuguesa e ao período da Vila de Ega, pois esse entrelaçamento constitui um intrigante itinerário cultural que tramitam pelas festas populares do Amazonas.

Durante o processo investigativo da pesquisa de campo, percebe-se que fica uma relação estreita entre a pesquisadora e os entrevistados em decorrência do compartilhamento de ideias e de pensamentos religiosos, ocorrendo então um aprendizado mútuo, em que as trocas de sonhos, projetos e objetivos se desenvolvem numa identidade cultural e social recíproca. Fato este que se tornou bastante interessante durante a investigação, pois tratou-se de dados e informações pessoais, de sujeitos envolvidos e conhecidas no âmbito religioso e o meio social local. Vale mencionar que, apesar de sermos autorizados a divulgar nomes e imagens das pessoas relacionadas e atreladas a esta pesquisa, optamos por identificá-las por nomes fictícios.

Francisco, 29 anos, servidor público estadual, tefeense, atualmente residindo em Manaus, nos fala de sua relação com o festejo:

Sou devoto de Santa Teresa! Venho! Participo! Desde quando me entendo por gente, a devoção é de família, começou com meu bisavô, veio pra minha avó, minha mãe e comigo, e eu tenho essa... não digo nem como uma obrigação, mas sim como sentido de vida, de vir e está no festejo de Santa Teresa. (Entrevista realizada em pesquisa de campo, 2022).

Percebe-se que toda essa ligação de fé e devoção é repassada de geração em geração, de pai para filho como se fosse algo de herança que é cultivado com muita importância e significado no seio familiar. Outro ponto importante a destacar é que grande parte dos católicos além de suas devoções são as várias atividades que exercem dentro da igreja, o entrevistado relatou que além de sua devoção com Santa Teresa, também participa de outras manifestações religiosas, em suas palavras:

Sou catequista, sou do Apostolado da Oração, devoto de Nossa Senhora da Conceição em Manaus que é padroeira do estado do Amazonas, também não gosto de faltar na procissão da Imaculada Conceição, sou devoto de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, também vou bastante nas novenas nas terças-feiras e a devoção a São José que tenho, sempre que dá pra ir nas novenas mensais, mas no dia de São José sempre eu vou pro festejo dele (Entrevista, 2022).

No transcorrer de sua entrevista Francisco foi falando como iniciou a devoção a Santa Teresa D'ávila sem deixar de mencionar os milagres e graças que foram alcançados por meio dela, o entrevistado mencionou que:

Meu bisavô teve uma doença muito grave na perna quando morava no São Francisco do Catuá, ele vinha todo ano com os seis, sete filhos, a remo até a cidade de Tefé, chegavam no dia 14, passavam o dia 15 e iam embora dia 16, ele trouxe essa devoção. Quando ele veio morar aqui na sede da cidade já com minha avó que está com setenta e oito anos. Quando ela tinha 14 pra 15 anos teve uma doença que foi desenganada e fizeram uma promessa pra Santa Teresa que se ela ficasse curada, iria se vestir de Santa Teresa no dia 15 de outubro dia devotado a ela (Entrevista, 2022).

Interessante que o nosso colaborador trouxe um dado importante sobre sua avó que foi a primeira devota a pagar promessa vestida igualmente com o hábito² de Santa Teresa, conforme podemos verificar na imagem abaixo gentilmente cedida pelo entrevistado.

² Veste usada por Santa Teresa D'ávila nas cores marrom e branca, os hábitos mais tradicionais consistem das mesmas peças básicas, a primeira camada consiste em uma túnica lisa, veste sobre a túnica uma touca rígida que cobre a cabeça e o pescoço, emoldurando o rosto, veste também um véu não transparente na cabeça.



Figura 6 – Imagem da avó do entrevistado aos 15 anos
Fonte: Foto do arquivo pessoal do entrevistado, novembro/2022.

Durante a entrevista notamos a emoção do senhor Francisco ao rememorar as experiências vividas por seus avós, pais e por ele mesmo em momentos delicados de acometimento por doenças. Desta forma compreende-se o ponto de vista mencionado pelo colaborador em que ele afirma que a devoção é algo familiar, que entrou em sua família e vai se estendendo de geração, de uma forma hereditária, onde pode destacar não somente a herança cultural, mas a herança religiosa existentes a partir dos festejos de santos.

Novenário e procissão

Ao tratar de festa religiosa é comum deparar com os termos novenário e procissão que são bastante usados nas festas de arraiais devotadas aos santos no interior da Amazônia. A palavra novena é originada do latim *novena*, sendo uma palavra substantiva feminino de *novēnus* que é em número de nove. Teve sua origem na tradição católica, mas pode ser encontrada também em outras religiões ou crenças.

Na acepção dos devotos é normalmente realizada como uma manifestação de devoção a Deus Todo-Poderoso (Pai, Filho e Espírito Santo), ou à Santíssima Virgem Maria, ou aos Anjos e Santos.

Júnior e Mendes (2007, p. 2), quando abordam o termo novena, explicam que “o nome novenas advém do fato da referida manifestação religiosa se realizar numa sequência de nove dias, que podem ou não ser acompanhados por festejos”, em suma, trata-se de uma prática religiosa do catolicismo popular, pois se diferencia de um catolicismo institucional e pragmático que se volta unicamente para padres e freiras. Nesse catolicismo popular em que se assenta o novenário de Santa Teresa inclui-se as pessoas comuns como devotos, visitantes, romeiros que viajam de longe para aqui se encontrar com sua padroeira.

Por esse motivo pode-se pensar que o novenário na catedral da matriz de Santa Teresa é uma espécie de culto realizado durante as nove noites no âmbito da igreja juntamente com as celebrações das missas, homilias, ladainhas e um histórico contado a partir de um tema por um Frei Carmelita da ordem do Carmelo.

Esse evento geralmente dura entre uma hora e meia a duas horas, tendo como participantes principalmente a comunidade católica tefeense, visitantes, convidados e o clero ao redor da imagem (estátua) de Santa Teresa D'ávila que fica em destaque ao lado direito do altar no período do novenário e arraial que vai do dia 06 a 15 de outubro, atualmente a imagem em destaque está ficando até o final do mês de outubro.

Vale destacar que este novenário precede as festividades públicas do Festejo na área da praça e ruas adjacentes da igreja. Tanto a imagem de Santa Teresa D'ávila em destaque e o andor são ornamentados um dia antes de começar a novena com flores, tecidos e painel voltados para as cores das vestes da Santa, eles são ornamentados por membros participantes da igreja e devotos.

Padre Pedro Schewior, polonês, 59 anos de idade, atual pároco da matriz de Santa Teresa atuando em Tefé como sacerdote há mais de 15 anos, nos informou que todo ano para o novenário de Santa Teresa é escolhido um tema e um lema a serem ministrados pelos Freis Carmelitas durante as noites de novena, os freis se deslocam da cidade de Recife (PE) para contribuir e engrandecer os ensinamentos da vida carmelita segundo a vida no Carmelo.



Figura 7 – Imagem do novenário na catedral de Santa Teresa em Tefé/AM.
Fonte: Foto do arquivo pessoal dos autores, outubro/ 2021.

Para a escolha do tema do novenário de Santa Teresa, segundo padre Pedro nos explicou que ocorre a depender do ano em que a igreja católica celebra, por exemplo no ano de 2021, por ser um ano jubilar de São José, o tema foi “Santa Teresa exclama: Ide a São José”, e como lema: “Eis o servo fiel e prudente a quem o Senhor confiou a sua casa”, o lema foi tirado da passagem bíblica do evangelho de Lucas capítulo doze e versículo quarenta e dois.

Em relação à procissão, trata-se de um evento religioso público geralmente ocorrido após o novenário, no dia 15 de outubro, último dia dos Festejos. Podemos dizer que a procissão é concebida como o ápice da fé num ato público devotada a padroeira em uma espécie de espetáculo público que ocorre ao som de orações e cantos pelas ruas da cidade. Perez (2010, p. 3) diz que “procissão (provém de *procedere*, ‘para ir adiante’, ‘avançar’, ‘caminhar’), é um corpo organizado de pessoas caminhando de uma maneira formal ou cerimonial. Muitas vezes acontece sob forma de um cortejo religioso realizado em marcha solene normalmente pelas ruas de uma localidade, carregando imagens e entoando orações ou cânticos. Este ritual, segundo a crença das pessoas envolvidas com o evento, torna os devotos pessoas e os locais abençoados. Historicamente as procissões precedem as práticas cristãs, talvez inclusive sendo oriundas de cultos pagãos, por exemplo as procissões dedicadas às divindades gregas.



Figura 8 – Imagem da procissão de Santa Teresa em Tefé/AM.

Fonte: Foto do arquivo pessoal dos autores, outubro/ 2021.

O novenário e a procissão podem ser considerados etapas distintas, mas ao mesmo tempo entrelaçadas no contexto do Festejo, pois são etapas consideradas sagradas do festejo/arraial da padroeira de Tefé desde a antiga Vila de Ega, onde esse arraial se desenvolvia a partir de uma importante manifestação das práticas sociais e das relações pessoais na comunidade urbana e rural. A respeito disso Amaral diz:

Desde o princípio da colonização brasileira as festas serviram como “modo de ação”, seja para catequisar índios, seja para tornar suportáveis, aos portugueses e demais estrangeiros, as agruras da experiência do enfrentamento de uma natureza desconhecida e selvagem, com povo, clima, plantas e animais estranhos. Ela foi importante mediação simbólica, constituindo uma linguagem em que diferentes povos podiam se comunicar. Sendo sínteses das mediações, especialmente entre natureza e cultura, foi ela um dos elementos facilitadores do transplante de um modelo social europeu para terras tropicais até quase os últimos tempos do período colonial, quando a Igreja Católica imperava politicamente e as procissões e festas de santos eram praticamente intermináveis. (AMARAL, 1998 p. 58)

A partir de Rita Amaral é possível perceber uma dimensão da grandeza política e social que um evento religioso pode representar e significar nas práticas sociais e populares, pois ela consegue relacionar em um único ambiente, classes, pessoas de diferentes culturas e costumes.

No início da procissão, uma das igrejas católicas pertencentes a uma das paróquias do município de Tefé, é escolhida para dar início ao trajeto do cortejo que tem o seu destino a matriz de Santa Teresa. No ano de 2021 a procissão saiu da igreja de São José que fica localizada no bairro de Juruá, no ano de 2002 a procissão saiu da Capelania Militar, situada na Estrada do Aeroporto.

Tendo como embasamento o período em campo para a realização da pesquisa percebe-se pessoas que sobre o manto da devoção religiosa católica aglomeram-se enchendo as vias da cidade quase esbarrando umas nas outras, todos geralmente com roupas leves e calçados apropriados devido ao grande percurso da caminhada, uns levam sua própria água e outros a recebem durante a caminhada em pontos estratégicos distribuídas por empresários de distribuidoras de bebidas e por gentes simples e comuns que veem nesses gestos um ato de pagar suas devidas promessas.

Outro modo verificado é que muitos promesseiros optam por pagar suas promessas vestidos com hábitos que remetem a um santo ou a anjos, outros prometem fazer o trajeto da procissão descalços ou carregando tijolos sobre a cabeça. É observado também que muitos dos que se aglomeram nas procissões, apenas aproveitam desse ritual cristão católico para uma simples caminhada como distração para trocas de conversas aleatórias e observação de trajes e de pessoas que lá estão, poucos se interessam pelos hinos e orações que são proferidas durante o trajeto da procissão, sendo assim um participante atípico que está apenas com o intuito de ver e ser visto.



Figura 9 – Imagem de pagadores de promessas na procissão de Santa Teresa em Tefé/AM.

Fonte: Foto do arquivo pessoal dos autores, outubro/2022.

No panorama acima mostrado, observa-se elementos de uma devoção popular voltada para o momento da procissão em devoção a Santa Teresa D'ávila em Tefé, como podemos justificar através do relato da entrevistada Catarina, 38 anos, servidora pública, que contou o seguinte:

Sou mãe de dois meninos! Quando nasceu meu primeiro filho eu tinha vinte e dois anos e estava finalizando a graduação do curso de Letras na Universidade do Estado do Amazonas e devido as muitas horas sentada dentro e fora da sala de aula para a realização de trabalhos da universidade, meu bebê ficou mal posicionado dentro da minha barriga e desenvolveu uma deficiência nos dois pezinhos ficando eles tortos congênito conforme diagnóstico médico. E segundo o médico pediatra ortopedista informou que foi devido à má posição dele no meu ventre, pois era para mim ficar mais em repouso, segundo o médico mais deitada do que sentada. E devido essa deficiência na perninha do meu bebê ele teve atraso em dar os primeiros passos, já passava do seu primeiro ano de idade e ele ainda não tinha andado. Numa bela tarde do dia 15 de outubro dia da padroeira da nossa cidade a imagem de Santa Teresa passou em frente da minha casa num andor em meio a procissão, senti no meu coração que deveria pedir algo a ela, pois nunca tinha feito nenhum pedido a nenhum santo. Então voltei meu olhar no rosto de Santa Teresa e fiz o seguinte pedido que na verdade foi uma promessa, disse: Santa Teresa ajuda meu filho a andar! Se ele andar vestirei ele de anjo na próxima procissão em honra a Ti. Passaram-se dois meses, era à noite, quando estava sentada com meu esposo na sala da nossa casa, quando vimos uma sombra passar correndo, e na verdade era meu filho que começou a andar naquele

momento, e o mais impressionante é que os seus primeiros passos não foram andando e sim correndo. (risos, felicidade). E em relação aos dois pezinhos do meu filho ficaram normais após ele passar por duas cirurgias ortopédicas e hoje ele tem os dois pés perfeitos graças à Deus e a intercessão de Santa Teresa que também cuidou dessa necessidade em relação a cirurgia (Entrevista realizada em 2022).

Na entrevista acima é possível identificar um caso bem típico (porque há inúmeros relatos dentro dessa prática religiosa) de graça atribuída à padroeira local, a partir dessa narrativa também pode-se elaborar inúmeras análises acerca da expressiva devoção religiosa, onde a medicina atua apenas com auxílio a devoção popular, o mérito aqui na entrevista sempre será devido a intercessão divina do santo ao qual ele fez um acordo ou por assim dizer uma promessa. Verifica-se também que há uma estreita relação de troca, em dar e receber, pois o prometido só é pago mediante a graça alcançada.

Considerações Finais

Em suma, o novenário e a procissão são constituídos e configurados a partir de uma religiosidade popular que nasce no seio do homem comum por assim dizer o homem popular que tece as suas relações com o religioso a partir de costumes, tradições e a dinâmica dos rios, relacionando com as crenças do sagrado passada oralmente por seus antepassados que ainda nos dias de hoje nos conduzem pelo fervor da crença da boa parte da sociedade tefeense.

Como também trata das tensões, do jogo de poder que permeiam esta manifestação popular, e à medida que se busca compreendê-las somos envolvidos numa simplicidade singular, em que o olhar científico e poético a respeito da fé e do catolicismo popular nos faz refletir sobre as outras dimensões deste evento, como seus processos de hibridações.

Por fim verificou-se os aspectos lúdicos, sagrados e dionisiacos constituídos pelos sujeitos que participam do festejo da padroeira. Neste cenário, foram elencadas as questões social e política para subsidiar e elucidar as questões que se associam no mesmo espaço, fazem parte e contribuem para a festa religiosa.

E foram através desses elementos muitas vezes pouco comentado ou abordado pela igreja católica que pautamos compreender em sua totalidade o evento religioso em questão.

É na busca por essa compreensão que apresentamos o lúdico devocional, termo que denota um fator criativo do entretenimento diversão no contexto da festa religiosa.

O lúdico existente no arraial de Santa Teresa é o que alimenta a expressiva aglomeração de pessoas no mesmo espaço social, o lúdico devocional também foi encontrado na ornamentação diferenciada da praça e do interior da igreja como também nas vestes paramentadas dos padres, freis, religiosos e não religiosos que se vestem de maneira diferente do usual.

O lúdico devocional também quebra as barreiras impostas pelas questões sagradas, ocorre de maneira involuntária e quase imperceptível, não desacredita a seriedade do ritual religioso pelo contrário adiciona um elemento extra de alegria em pertencer e fazer parte da festa.

Portanto, a religiosidade popular tefeense agrega valores e heranças culturais que se hibridizam e permanecem emergentes através do ritual religioso do catolicismo de caráter devocional, mas também lúdico e festivo, em que o arraial e seus espaços sociais contribuem para o processo de socialização da população rural e urbana, atuando ainda como fator político, econômico de Tefé e localidades circunvizinhas.

Referências

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à brasileira**: significados do Festejar, no país que “não é sério. Tese (Doutorado em Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas) - Universidade de São Paulo – USP, 1998.

BRAGA, Sérgio Ivan Gil (Org.). **Cultura popular, patrimônio imaterial e cidades**. Manaus: Editora da Universidade do Estado do Amazonas, 2007.

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**. Tradução Estela dos Santos Abreu

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução Antônio de Pádua Danesi. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Tradução Antônio de Pádua Danesi. 3. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BACHELARD, Gaston. **O direito de sonhar**. Tradução José Américo Costa Pessanha. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

COULANGES, Fustel de. **A cidade antiga**. São Paulo: Hemus, 1975.

DEL PRIORE, Mary. **Festas e utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Basiliense, 1994.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: editora Planeta do Brasil, 2011.

FERREIRA, Maria Nazareth. Os antigos rituais agrários e sua manifestação na atualidade. **Comunicação & Política**, v. VII, n. 1, 2000, p. 121-140.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá/Amazonas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HOLANDA, Yomarley Lopes. **A festa na cidade que o barranco levou: dinâmicas culturais e políticas do brincar de boi em Fonte Boa (AM)**. In: MORAES, Francisco Ronald Feitosa (*et al.*). (Org.). Olinda: Livro Rápido, 2017.

HOLANDA, Yomarley Lopes. **O artista-andarilho da Amazônia e o florejar de sua práxis-poiesis na festa popular**. Manaus: EDUA; São Paulo: Alexa Cultural, 2020.

HOLANDA, Yomarley Lopes. **Escritos sobre história: ensino e itinerários de pesquisa no interior da Amazônia / organização Yomarley Lopes Holanda**. – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Letra Capital, 2022.

LIRA, Naraiza Caldas. **O lugar de ser criança: percepções da infância a partir das narrativas dos pais no município de Tefé – Am**. 2020. 110 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade do Estado do Amazonas – Centro de Estudos Superior de Tefé – CEST/UEA, 2020.

MAFFESOLI, Michel. **A sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia**. Tradução de Aluizio Ramos Trinta. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. 2. ed. Trad. Albert Christophe. Petrópolis: Vozes, 1998.

MAFFESOLI, Michel. **O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas**. Tradução Rogério de Almeida, Alexandre Dias. São Paulo: Zouk, 2003.

MARINHO, José Lino do Nascimento. **O real, o simbólico e o imaginário nas memórias de seringueiros do médio Solimões, Amazonas**. 2021. 193 f. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas – UFAM, 2021.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia**. Vol. 39, No. 1 (1996), pp. 13-37. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/41616179>. Acesso em 14/09/2021.

QUEIROZ, Raimundo Claudemir B. **História de Tefé para estudantes**. Editora: SCDC. Manaus, 2018.

QUEIROZ, Kristian Oliveira de. **Os flutuantes dos lagos urbanos do Solimões: dinâmica espacial e territorialidade flutuante** [recurso eletrônico]. – Manaus (AM): Editora UEA, 2022.

SAID, Edward. W. **Representações do intelectual: as conferências Reith**. Tradução Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.